

O MORCEGO

Jo Nesbø

Tradução do inglês
Maria Georgina Segurado



WALLA

Sydney

Algo estava errado.

Inicialmente, a funcionária do controlo de passaportes sorri-lhe:

– *Como tá, amigo?*

– Estou bem – mentiu Harry.

Há mais de trinta horas que descolara de Oslo, fazendo escala em Londres e, depois de mudar de avião no Bahrain, fora-lhe atribuído o mesmo maldito lugar junto à saída de emergência. Por motivos de segurança, apenas era possível reclinar um pouco as costas, e a sua região lombar estava uma lástima quando chegaram a Singapura.

Naquele momento, porém, a mulher por detrás do balcão já não sorria.

Observava o passaporte com manifesto interesse. Era difícil saber se a sua boa disposição inicial se ficara a dever à fotografia ou ao nome dele.

– Negócios?

Harry Hole desconfiava que, na maior parte dos países, talvez os funcionários do controlo de passaportes rematassem a pergunta com um «senhor», contudo, lera algures que aquele tipo de amabilidade formal não era uma prática muito corrente na Austrália. Na verdade, até nem tinha grande importância; Harry não estava muito habituado quer a deslocações ao estrangeiro quer a

amabilidades...só queria um quarto de hotel e uma cama o mais depressa possível.

– Sim – respondera, tamborilando com os dedos no balcão.

E foi então que os lábios dela se franziram, ficaram feios e articularam em tom mordaz:

– Porque é que o seu passaporte não tem visto, senhor?

Caiu-lhe o coração aos pés, como invariavelmente sucedia quando se prenunciava uma catástrofe. Será que só usavam «senhor» quando as situações se tornavam críticas?

– Desculpe, esqueci-me – balbuciou Harry, remexendo febrilmente nos bolsos interiores do casaco.

Por que motivo não lhe tinham colocado o visto especial no passaporte, tal como fazem para os vistos normais? Ouviu atrás de si, na fila, o ténue zumbido de um *Walkman* e apercebeu-se de que era o seu companheiro de viagem no avião. Viera o voo inteiro a ouvir a mesma cassette. Mas por que diabo nunca se lembrava do bolso onde guardava as coisas? Também estava calor, embora fossem quase dez da noite. Harry começou a sentir um formigueiro no couro cabeludo.

Por fim, para seu grande alívio, encontrou o documento e pôs-o em cima do balcão.

– É agente da polícia?

A funcionária dos passaportes ergueu o olhar do visto especial e observou-o uns instantes, mas já não tinha os lábios franzidos.

– Espero que não tenham sido assassinadas louras norueguesas...

Soltou uma risada e carimbou vigorosamente o visto especial.

– Não, apenas uma – respondeu-lhe Harry Hole.

A zona das chegadas estava apinhada de representantes de agências de viagens e motoristas de limusinas, erguendo placas com nomes, mas em nenhuma delas se podia ler *Hole*. Preparava-se para apanhar um táxi, quando um homem negro, de calças de ganga azul-claras e uma camisa havaiana, com um nariz invulgarmente

largo e cabelo escuro encaracolado, abriu caminho por entre as placas e avançou para ele em grandes passadas.

– Senhor Holy, presumo! – declarou em tom exultante.

Harry Hole ponderou as suas opções. Decidira passar os primeiros dias na Austrália a corrigir a pronúncia do seu apelido para que não fosse confundido com aberturas ou orifícios. Contudo, Sr. Holy¹ era infinitamente melhor.

– Andrew Kensington. *Como tá?* – O homem sorriu e estendeu-lhe uma mão enorme.

Mais parecia um espremedor de citrinos.

– Bem-vindo a Sydney. Espero que tenha feito boa viagem – disse o desconhecido com manifesta sinceridade, como o eco do anúncio da assistente de bordo vinte minutos antes. Pegou na mala velha de Harry e encaminhou-se para a saída sem olhar uma só vez para trás. Harry procurou não o perder de vista.

– Trabalha para a Polícia de Sydney? – começou por perguntar.

– Claro, amigo. Cuidado!

A porta giratória atingiu Harry em cheio na cana do nariz, e vieram-lhe as lágrimas aos olhos. Uma má comédia não começaria pior. Esfregou o nariz e soltou uma imprecação em norueguês. Kensington lançou-lhe um olhar compadecido.

– Malditas portas, hã?

Harry não respondeu. Não sabia o que ripostar àquele tipo de comentário tipicamente australiano.

No parque de estacionamento, Kensington abriu o porta-bagagem de um pequeno *Toyota* com muito uso e meteu a mala lá dentro.

– Quer conduzir, amigo? – perguntou, surpreendido.

Harry apercebeu-se de que se sentara no lugar do condutor. Claro, na Austrália circula-se pela esquerda. Todavia, o banco do lado estava tão atafalhado de papelada, cassetes e lixo variado que Harry preferiu ir encolhido no banco traseiro.

¹ Santo. (*N. da T.*)

– De certeza que é aborígene – observou Harry, quando entraram na autoestrada.

– Ninguém lhe enfia o barrete, senhor polícia – respondeu Kensington, olhando pelo espelho retrovisor.

– Na Noruega chamamos-vos negros australianos.

Kensington não desviou os olhos do retrovisor.

– Não me diga?

Harry começou a sentir-se desconfortável.

– Hum... o que eu queria dizer era que os seus antepassados não pertenciam aos condenados que a Inglaterra enviou para aqui há duzentos anos.

Queria mostrar-lhe que tinha um mínimo de conhecimentos da História do país.

– Isso mesmo, Holy. Os meus antepassados apareceram aqui um pouco antes deles. Há quarenta mil anos, para ser exato.

Kensington sorriu para o retrovisor. Harry jurou a si próprio manter a boca fechada por algum tempo.

– Estou a ver. Trate-me por Harry.

– Muito bem, Harry. Sou o Andrew.

Andrew fez a despesa da conversa durante o resto do percurso. Levou Harry a King's Cross, e não se calou um segundo: aquela era a zona de prostituição de Sydney e o centro do tráfico de droga e, em grande parte, de todos os outros negócios obscuros na cidade. Todos os escândalos estavam relacionados com um hotel ou clube de *strip* dentro daquele quilómetro quadrado.

– Chegámos – anunciou Andrew subitamente. Encostou à berma, saiu rapidamente, tirou a mala de Harry do porta-bagagens e acrescentou: – Até amanhã. – Depois disto, ele e o carro desapareceram.

Com as costas doridas e o *jet lag* a manifestar-se, Harry e a mala viram-se então sozinhos, no passeio de uma cidade com uma população sensivelmente equivalente à de toda a Noruega, à entrada do

magnífico Crescent Hotel. O nome estava escrito na porta ao lado de três estrelas. O chefe da Polícia de Oslo não tinha fama de ser um mãos-largas no que respeitava ao alojamento dos seus funcionários. No entanto, talvez aquele não viesse a revelar-se tão mau assim. Devia fazer desconto a funcionários do Estado e, provavelmente, o quarto era o mais pequeno do hotel, refletiu Harry.

E não é que era mesmo?

